

**QUEER, IDENTIDADE E MASCULINIDADE
EM *GIOVANNI*, DE JAMES BALDWIN**

George de Santana Mori

Professor do Curso de Letras do Campus Universitário de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso. Mestrando em Estudos da Linguagem pela UFMT, Cidade Universitária/Cuiabá.
e-mail: profgeorgesantana@gmail.com

QUEER, IDENTIDADE E MASCULINIDADE EM GIOVANNI, DE JAMES BALDWIN

George de Santana Mori

MORI, George Santana. *Queer, identidade e masculinidade em Giovanni, de James Baldwin.* *albuquerque – revista de história.* vol. 7, n. 14. jul.-dez./2015, p. 47-64.

Resumo: O presente artigo realiza uma interpretação dos personagens principais do romance *Giovanni* (2008) de James Baldwin, buscando discutir questões de gênero na teoria queer bem como questões identitárias no construto das masculinidades homossexual e heterossexual. Dessa forma, o estudo se pauta pelos discursos hegemonicos em contraste com os discursos da diferença que permeiam as tomadas de atitudes dos personagens em questão.

Palavras-chave: Teoria Queer, Identidades, Masculinidades.

Abstract: O presente artigo realiza uma interpretação dos personagens principais do romance *Giovanni* (2008) de James Baldwin, buscando discutir questões de gênero na teoria queer bem como questões identitárias no construto das masculinidades homossexual e heterossexual. Dessa forma, o estudo se pauta pelos discursos hegemonicos em contraste com os discursos da diferença que permeiam as tomadas de atitudes dos personagens em questão.

Key-words: Teoria Queer, Identidades, Masculinidades.

Introdução



A experiência homossexual está presente em todas as fases da literatura ocidental, compreendendo desde a exaltação greco-latina da beleza e da juventude até a carga simbólica subversiva em Sade no século XVIII e, a partir do século XIX, permeando a busca por uma vivência individual dentro de diversas obras como, por exemplo, nos escritos da geração beat.

Por meio dos estudos literários, verifica-se que as obras produzidas em uma determinada sociedade, bem como o contexto em que estão inseridas historicamente, apresentam narrativas no que se refere à construção de identidade, dessa forma, a literatura torna-se fundamental ao ser humano, pois, dá a ele uma consciência mais crítica.

Cada época produz uma literatura que difunde uma mentalidade do período em que fora escrita. Logo, a literatura contribui para a compreensão e formação do sujeito. Assim como o homem transforma e se transforma, a literatura se transforma e transforma o homem. Sendo a literatura a tradução do pensamento de uma época e um elemento formador de mentalidades, cada mudança detectada na produção literária de um determinado momento deve ser analisada, uma vez que implica em uma mudança maior no plano social. Sendo assim, pode-se inferir que a literatura é, em contrapartida, um produto cultural, social e histórico.

Ao estudar a obra *Giovanni*, de James Baldwin,¹ foram observados diversos aspectos sócio-histórico-culturais que os personagens carregam demonstrando como suas identidades foram construídas no decorrer da narrativa, possibilitando a análise do

¹ BALDWIN, James. *Giovanni*. Tradução de Affonso Blacheyre. São Paulo: Novo Século, 2008.

romance em questão associando-o a aspectos no que se refere à teoria queer e também aos estudos sobre as masculinidades, ditas “hegemônica e periférica”.

O romance Giovanni possui uma narrativa em primeira-pessoa, trazendo a história de David, um norte-americano que, vivendo na França, busca entender sua sexualidade. A história se inicia com David recordando-se de uma experiência homossexual que tivera em sua juventude.

Na obra em questão, David, enquanto espera pelo retorno de sua namorada, Hella, que se encontra na Espanha, envolve-se em uma relação amorosa com um barman italiano chamado Giovanni. Ambos resolvem morar juntos no quarto que Giovanni aluga. Esse quarto torna-se, mais tarde, o lugar que simboliza o estado emocional de David.

Quando sua namorada Hella retorna da Espanha, David decide abandonar seu novo parceiro Giovanni, que poucos dias antes fora demitido por Guilhaume, amigo de David, também homossexual. A decisão de David, no entanto, coloca Giovanni em um gueto existencial, que o atira no predatório submundo marginal gay, fazendo com que se deteriorasse rapidamente, vivendo unicamente para sua sexualidade. Giovanni então, num ato desesperado, acaba assassinando Guilhaume, que havia prometido readmiti-lo em troca de favores sexuais e Giovanni é preso e condenado à morte.

David, amargurado com o processo de decadência em que Giovanni entra naquele momento e, inquieto acerca da indefinição de sua própria sexualidade, decide casar-se com Hella. A história segue de maneira razoável até David conhecer um marinheiro nas noites de Paris. Hella acaba flagrando os dois que se divertem em um bar gay, e encerra seu relacionamento com David. O romance termina com a reflexão de David sobre sua cumplicidade com Giovanni, que está então prestes a ser executado.

Identidade e Masculinidade Hegemônica X Masculinidade Homossexual em *Giovanni*

Desde os anos de 1960 inúmeros estudos sobre as identidades e práticas sexuais de gênero vêm se tornando cada vez mais latente, especialmente provocado pelo movimento gay, e por todos aqueles que se sentem ameaçados por essas manifestações. Hall pontua que “novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu

processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como políticas de identidades".²

Percebe-se então que o ser diferente, como por exemplo, o ser homossexual, tem sido cada vez mais colocado em evidência na sociedade, na qual as identidades têm se fragmentado e o instituído, questionado e, portanto, novas identidades são emergidas. O que nos faz acreditar que o sujeito não possua apenas uma identidade, mas várias identidades, muitas delas conflitantes e contraditórias. Assim, nas palavras de Hall: "embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela fosse reunida e resolvida, ou unificada".³

Dessa forma, sujeitos em contínuo constructo identitário habitam sociedades de mudança constante e rápida, onde as identidades são mantidas, reiteradas e influenciadas. Mesmo os processos de identificação não são fixos, verdadeiros ou dotados de essência, mas móveis e mutáveis. Todo esse processo produz um sujeito não fixo, mutável que, segundo Hall, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente.⁴

A questão da identidade é sempre discutida nos estudos de teoria social e ao entender que estamos vivendo diversos conflitos de identidade, Hall faz concepções e traz indagações acerca do tema em questão. Em sua obra *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, o autor nos leva a um mundo que é nosso, a um mundo que pertencemos, tentando definir sujeito trazendo a mudança do conceito de sujeito e de identidade dos séculos XX e XXI.

Identidades sociais, de gênero, de sexualidade, crenças, enfim, inúmeras delas formam o sujeito, tornando-o um sujeito de diversas identidades incompletas. Louro afirma que "reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência".⁵ Isto quer dizer que, um sujeito se sente pertencente a um ou mais grupos sociais ao se identificar com determinada identidade, ou seja, um indivíduo quer construir-se em torno do que é proposto por determinada ideia, ele se identifica com características e conceitos e pretende fazer parte desse grupo.

² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A: Rio de Janeiro, 2005, p. 22.

³ Idem, *ibidem*, p. 38.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 13.

⁵ LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado - pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 12.

Em *Giovanni* percebe-se essa questão, principalmente quando David, logo no início do romance, tenta disfarçar sua homossexualidade frente à heterossexualidade imposta então, pela sociedade, na seguinte passagem:

Vai haver uma moça sentada no banco à minha frente a imaginar o motivo pelo qual não tenho flertado com ela, e que ficará animadíssima com a presença dos recrutas. Eu estarei da mesma forma, porém saberei controlar-me melhor.⁶

Nessa passagem, nota-se que David, quer repetir as identificações de uma sociedade, abafando sua homossexualidade e mostrando uma heterossexualidade idealizada e imposta pela sociedade norte americana, pretende buscar referências para seus gestos, modo de ser e de estar por medo de deixar transparecer algum indício de sua homossexualidade latente.

No romance, David conta a história de amor entre dois estrangeiros, um americano e um italiano que vivem e se conhecem em Paris no pós-guerra e que não conseguem construir para si mesmos o lugar que esse amor deve ou pode ocupar em suas vidas. Ambos desprezam o ambiente em que vivem, resumido ao bar em que Giovanni trabalha e o tipo de personagens que nele se movem, ou seja, frequentado exclusivamente por homossexuais como também ao quarto de Giovanni onde, de fato, o relacionamento acontece, e que se apresentará também como um símbolo do estado emocional de David em relação a sua construção de identidade homossexual, como na passagem a seguir:

E qualquer que fosse minha ocupação, havia um outro “eu” a me perseguir, congelado de pavor quanto à questão da minha vida [...] E senti-me arrastado para ele (**Giovanni**), como um rio que marcha depois do gelo romper-se [...] Giovanni notou isso, viu minha expressão e riu ainda mais. Corei e ele continuou rindo e o levar, a luz, o som de suas risadas, tudo se transformou no cenário de um pesadelo [...] Como disse, a vida naquele quarto parecia transcorrer sob a superfície das águas, sendo certo que ali dentro sofri uma transformação.⁷ (Grifo nosso).

⁶ BALDWIN, James. **Giovanni**. Op. cit., p. 12.

⁷ Idem, ibidem, p. 118-121.

Percebe-se na passagem anterior que David, ao construir sua identidade homossexual, se sente ameaçado ao abrir mão de uma sexualidade heterossexual imposta, mas, também, idealizada e almejada para mostrar-se com sua sexualidade verdadeira, o que faz com que ele sinta aversão pelo quarto de Giovanni, local que faz com que David se sinta perigosamente empurrado, aversão esta que fará com que abandone seu amante e, indiretamente, seja responsável pelo crime que Giovanni cometerá.

Vale ressaltar aqui a reflexão de Paulo Freire, que diz:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, o indivíduo vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. [...] E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.⁸

Nesse excerto, Freire identifica uma mudança na representação da identidade, que já é reconhecida como politizada, mas acrescenta que os indivíduos estão sempre dentro de um “jogo de identidade”, adequando-se ou não, de acordo com as circunstâncias.

O que se pode verificar é que o sujeito é um importante instrumento para a construção da identidade porque ao ser inserido e integrado no mundo produz cultura e configura a história da sua época. Nesse sentido, o personagem David, a todo o momento reflete acerca da construção identitária, ora americana, ora parisiense, ora homossexual, ora hetro ou bissexual.

Assim, David, ao assumir uma identidade de dona-de-casa ao ir morar com Giovanni e esse, assume o papel do homem que sai para trabalhar logo, revê essa postura, pois, para David, um homem não poderia adquirir tal comportamento, novamente confrontando a idealização masculina hegemônica, claramente percebida na seguinte passagem:

Eu devia destruir aquele quarto e dar a Giovanni uma vida nova e melhor. Essa vida só podia ser a minha própria e que, para transformar a de Giovanni, tinha primeiramente de tornar-se uma parte de seu quarto. De início, por que os motivos que me levaram ao quarto de Giovanni eram tão mistos, tinham tão pouco a ver com suas esperanças

⁸ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1979, p. 43.

e desejos e faziam parte tão profunda de meu próprio desespero, inventei um tipo de prazer, fazendo papel de dona de casa, depois de Giovanni sair para trabalhar [...] Mas eu não sou uma dona de casa – os homens nunca podem sê-lo.⁹

Percebe-se em *Giovanni*, principalmente no personagem David o processo de negociação de identidade e da sexualidade, tornando o romance tenso, complexo e fortemente marcado pela perspectiva trágica, na qual o personagem David recusa o meio social disponível, mas não consegue construir um espaço de intimidade autônomo, recusa sua identidade homossexual, mas não consegue estar à vontade com sua disfarçada identidade heterossexual.

Em *Giovanni* o narrador evoca as questões de um homem lutando com sua própria identidade sexual dentro da construção heteronormativa. No início dessa relação, David reconhece as limitações de espaço, porém o aceita. O personagem David teme que seu relacionamento com Giovanni pode deixá-lo afeminado pelo fato de ver Giovanni assumindo o papel masculino do relacionamento ao que se refere às responsabilidades financeiras, forçando-o a assumir o papel de esposa, fazendo com que ele perca uma parte essencial da sua masculinidade, deixando-o paranoico, como na passagem a seguir:

E que tipo de vida – acrescentei – poderia ter nesse quarto... neste quartinho imundo? Que tipo de vida podem dois homens ter juntos, afinal? Todo esse amor de que fala... não é apenas o que deseja para sentir-se forte? Você quer sair e fazer o papel do grande trabalhador, que traz o dinheiro para casa e deseja que eu fique aqui lavando pratos, fazendo a comida e limpando este cubículo miserável e que me deite em sua companhia à noite, seja sua menina. É o que quer!¹⁰

Percebe-se na passagem anterior que o quarto de Giovanni é o espaço físico no qual o personagem David retrata suas lutas a respeito de sua identidade homossexual e como ela opera dentro e fora da construção heteronormativa imposta pela sociedade e por ele idealizada. Ocorre uma paranoia repentina no personagem em questão, pois a maneira que ele se vê, não está de acordo com a identidade construída.

⁹ BALDWIN, James. *Giovanni*. Op. cit., p. 124-125.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 197.

Quando Connell *apud* Fialho cunhou o termo "heteronormatividade", criou esse termo para definir como a heterossexualidade funciona como um desempenho perfeito dentro da sociedade ocidental. A cultura heteronormativa, segundo o autor, é uma que "privilegia macho sobre a fêmea, na qual o homem é o sujeito e a mulher, é o objeto".¹¹

De acordo com Connell *apud* Fialho, os estudos de gênero e sexualidade "têm promovido a mais importante mudança nas ciências sociais e no pensamento social ocidental em geral desde as análises de classe de meados do século XIX".¹²

Como efeito de tal mudança, novos conceitos são cunhados para dar conta dos novos objetos de estudo que emergem. Dentre eles, o conceito de "masculinidade hegemônica".

Elaborado há cerca de 20 anos, tem exercido influência considerável em pesquisas e reflexões sobre relações de gênero, sobretudo sobre aquelas voltadas para o estudo de homens e masculinidades.

Connell *apud* Fialho define masculinidade como sendo "uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero", e salienta que, normalmente, existem "mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade". Dada esta pluralidade, não deveríamos falar em "masculinidade", mas em "masculinidades".¹³ Dentre as diversas masculinidades, existiria uma que se apresentaria como sua forma "hegemônica", aquela que corresponderia a um ideal cultural de masculinidade.

Nesse sentido, em *Giovanni*, percebe-se claramente essa cultura heteronormativa, quando Giovanni discute com David se mostrando enciumado em relação às mulheres que David teve em sua vida e então, nesse momento, Giovanni, incorpora uma identidade heterossexual, machista e misógina, na tentativa de persuadir David a assumir sua sexualidade perante a sociedade, ao afirmar que:

- Ora, as mulheres! Felizmente não há necessidade de ter opinião a respeito de *mujeres!* Elas são como a água, tentadoras, traiçoeiras e insondáveis, sabe? E podem ser rasas e bem sujas...[...] Essas mulheres

¹¹ CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Apud FIALHO, Fabrício Mendes. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*, realizado entre os dias 28 e 30 de agosto de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, p. 4.

¹² Idem, Ibidem, p. 3.

¹³ Idem.

absurdas que andam por aí, cheias de ideias e de asneiras e julgando-se iguais aos homens!...*Quelle rigolade!*...Deviam levar uma boa surra, ficarem meio mortas de tanta pancada, para descobrirem quem manda no mundo.¹⁴

Percebe-se, assim, que as relações de poder de que trata Foucault¹⁵ se mostram evidente no excerto anterior, visto que, Giovanni, tenta nos mostrar uma superioridade viril em relação às mulheres, colocando-as como submissas, apelativas e dissimuladas.

A narração de David pode ser vista como uma forma de consecução involuntária, na medida em que é a narração da história de amor de um homem por outro homem que, de algum modo, não se prende ao binarismo dos gêneros e das identidades. O tema do romance é precisamente o desafio de se estruturar uma relação homossexual, dessa forma podem-se configurar as identidades tanto de Giovanni como a de David, como identidades bissexuais.

Em Giovanni a obsessão de David com a masculinidade ideal e da maneira como a homossexualidade o ameaça, percebe-se isso quando Jacques passa a zombar de David referindo-se a sua masculinidade imaculada na seguinte passagem:

- Eu não estava sugerindo que você pusesse em risco, por um só instante, essa... – fez uma pausa – essa virilidade *imaculada* que constitui seu orgulho e alegria. Apenas sugeri que você o convidasse, pois é certo que ele recusará se eu o fizer.¹⁶

Portanto, o que vimos na passagem anterior é o questionamento de outro personagem, Jacques, também homossexual, instigando David a convidar Giovanni a sair, pois, Jacques já se encontra com uma idade avançada e dessa forma, pouco atrativa aos olhos juvenis de Giovanni. O romance é construído em torno dos personagens masculinos gays e sua florescente ligação homossexual/homossocial desconfortável. Tanto Giovanni quanto David vêm de relacionamentos heterossexuais, porém ocorre um certo desconforto no relacionamento dos dois. Giovanni já havia sido casado com uma mulher e teve um filho que morreu tragicamente em sua infância.

¹⁴ BALDWIN, James. *Giovanni*. Op. cit., p. 113-114.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 194.

¹⁶ BALDWIN, James. *Giovanni*. Op. cit., p. 48.

Isso nos dá também uma ideia estereotipada de David em relação a sua masculinidade, porém, Giovanni é o único que cumpriu este papel (heteronormativo) mais ideal do que David. Ele viveu confortavelmente em ambos os estados (tanto como heterossexual quanto homossexual), algo que David não podia fazer, já que o mesmo ainda não fora casado e muito menos tivesse um filho.

Entretanto, o conceito de hegemonia acoplado à “masculinidade hegemonic” leva à consideração de que tais grupos não preponderantes buscam se tornarem dominantes – ou melhor, hegemonic – e inverter a relação, tornando o outro grupo em dominado, uma vez que este ponto está indissoluvelmente ligado à noção de hegemonia.

Sendo assim, procura-se por sujeitos que se tornem disciplinados, seguindo às regras que segundo Foucault “a disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”,¹⁷ ou seja, David vive sua homossexualidade (abafada) dentro da normalidade imposta, que é fabricado pelos padrões que a sociedade percebe como normal. Mas, por mais que a sociedade exclua e tente normalizar as identidades, os sujeitos contrários a ela (sociedade) se fazem necessários, afinal, alguém precisa ser excluído para que os que estão incluídos se tornem visíveis.

Dessa forma, a homossexualidade assumida assusta, causa medo e reações violentas, não apenas físicas, mas psicológicas. A homossexualidade em David é construída em meio à aversão que a sociedade tem contra o diferente. Por isso, o contínuo esforço em normalizá-la, ou até mesmo, anulá-la. As identidades ainda causam conflitos entre os indivíduos e conflitos em um único indivíduo, a resistência ocorre, reiterando ou eliminando as identidades em questão.

A Teoria Queer em *Giovanni*

Diversos foram os movimentos sociais que ocorreram nos Estados Unidos na década de 1960, todos de grande importância, pois modificaram estruturas das sociedades posteriores de forma veloz e radical, dando voz ativa às minorias a partir desse período, permitindo a (re)criação de um movimento artístico e dando margem ao surgimento de teorias como a teoria queer, surgida no início dos anos 1980.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Op. cit., p. 153.

Sendo assim, podemos entender a teoria *queer* como uma teoria que trata sobre questões de gênero e identidade sexual, não apenas como problematização, mas também como questionamentos, ou seja, diversas formas e possibilidades de prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente, mas, são também, reguladas, condenadas ou negadas.

As discussões acerca da teoria *queer* são impulsionadas com os trabalhos de Michel Foucault, que sistematiza e oferece um teor científico a esse tipo de discussão. Foucault nos mostra em sua obra *História da Sexualidade* que o “amor entre os iguais é tão antigo quanto o próprio ser humano”,¹⁸ bem como o trabalho de Butler que afirma que “os gêneros são múltiplos, e não só em Adão e Eva (masculino e feminino) se detém a diversidade humana”.¹⁹

Desta forma, pode-se deduzir que a teoria *queer* é uma teoria que trata sobre o gênero afirmando que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de uma construção social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencialmente ou biologicamente inscritos na natureza humana antes, formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. Sendo assim, em termos políticos, o *queer* começa a surgir de alguns membros dos movimentos sociais expresso na luta por desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais.

Nesse sentido, de acordo com Butler, “o *queer* é uma nova política de gênero”.²⁰ Essa nova política de gênero se materializa no questionamento das demandas feitas a partir dos sujeitos, ou seja, chama atenção para as normas que os criam. A autora atenta para o fato de o gênero ser culturalmente construído e questiona a aplicabilidade dos termos “homens” e “mulheres” a corpos definidos como tal, bem como o fato de os gêneros serem reduzidos a dois. Assim, a problematização da bissexualidade no romance faz parte do questionamento *queer* na medida em que ser bissexual implica, como apontado por Butler, em construção social do gênero dentro de uma nova política de materialização e legitimação das várias práticas sexuais que são variáveis e mutáveis em tempos e espaços diversos.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

¹⁹ BUTTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 27.

Em mais um trecho do romance, é possível perceber essa temática quando o personagem David se encontra refletindo sobre seus sentimentos com relação à Hella, sua namorada que está viajando e Giovanni, seu mais atual *affair*:

Eu estava com Giovanni. Eu a pedira em casamento, antes de Hella seguir para a Espanha, e ela ria muito, mas isso, de algum modo, tornara a coisa ainda mais séria para mim, e insisti.²¹

Sendo assim, pode-se dizer que a bissexualidade constatada no personagem Giovanni, a teoria *queer* se faz presente, uma vez que sua identidade ainda em construção se apresenta fragmentada, variando no tempo e no espaço e contrastando a masculinidade hetero com a homossexual.

Butler observa que, nas relações corporais:

Todo tipo de permeabilidade não regulada constitui um lugar de poluição e perigo. Como o sexo anal e oral entre homens estabelece claramente certos tipos de permeabilidade corporal não sancionado pela ordem hegemonic.²²

Tal observação nos remete a Foucault, que pontua acerca do homossexual passivo/ativo dentro do sistema das relações de poder empregando o termo “inquietação” para explicar o posicionamento do mundo grego (século IV a.C do surgimento de Epicuro) frente à homossexualidade, sendo que tal tema era problematizado, pensado e discutido, o que não ocorre na sociedade pós Império Romano. Segundo Foucault:

A sexualidade está intrinsecamente vinculada às relações de poder. Demonstra que atividade e passividade, na relação sexual são ligadas a superior e inferior, dominador e dominado, vencedor e vencido. O papel exercido pelo sujeito ativo é tido como superior e honroso. Daí, então poderia advir a condição marginal dos sujeitos passivos: escravos, mulheres e gays. Tais segmentos (das minorias marginalizadas, ou melhor, da maioria socialmente silenciada) são marcados por “uma inferioridade de natureza e de condição”.²³

²¹ BALDWIN, James. *Giovanni*. Op. cit., p. 13.

²² BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Op. cit., p. 189-190.

²³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Op. cit., p. 191.

Dessa maneira, Foucault tenta compreender a relação entre os rapazes através da relação sexual versus relação social, ou seja, ao que parece, tal problemática foi legada à posterioridade ocidental, provocada pela justaposição entre uma ética da superioridade viril e uma concepção de qualquer relação sexual segundo o esquema da penetração e da dominação do macho.²⁴

Sendo assim, David encara o sentimento e desejos de seu interior como algo antinatural e condenável, fruto de um pensamento heterossexual, imposto pela sociedade em que vive, como na passagem a seguir:

Comecei a ver que, mesmo não sendo tão estranho o que me acontecia quanto eu gostaria de crer, ainda assim ultrapassava as medidas. Na verdade, não era tanto para estranhar, ou coisa tão sem precedentes, embora dentro de mim ecoassem vozes gritando. “Que vergonha! Que vergonhal”, por eu me achar tão abrupta e asquerosamente envolvido com um rapaz. O estranho era que isso constituisse apenas um aspecto minúsculo do terrível emaranhado humano, ocorrendo por toda a parte e sempre sem fim.²⁵

Percebe-se, nessa passagem, que o sentimento de David é encarado por ele de forma conflituosa, e vergonhosa, típico de uma mentalidade moralista e conservadora, como a sociedade norte-americana, o que faz com que ele tente esconder seus sentimentos e atitudes perante todos.

A pertinência em se tratar essa questão justifica-se pelo fato de a figura do homossexual remeter o pensamento humano a atos sexuais “de perigo e poluição”, devido a uma pré-concepção imposta socialmente de que as relações sexuais fora da heteronormatividade são tidas como “anormais”. Assim, os personagens do romance, de modo geral, refletem essa concepção embora “lutem” para escapar dela.

No excerto a seguir, David e Giovanni têm sua primeira relação sexual, porém, há um desconforto por parte de David na medida em que ele reluta para não se entregar ao prazer e ao amor por medo dos confrontamentos futuros a partir dessa experiência:

²⁴ Idem, ibidem, p. 194.

²⁵ BALDWIN, James. *Giovanni*. Op. cit., p. 87.

Seu quarto ficava na parte detrás, no andar térreo do último edifício daquela rua. Passamos pelo vestíbulo e elevador, chegando a um corredor curto e escuro, que dava para seu quarto. O aposento era pequeno e só pude divisar o aspecto geral de coisas amontoadas em desordem, e sentir o cheiro de álcool que ele usava no fogareiro. Giovanni fechou a porta depois de entrarmos e, então, por um instante, ficamos naquela penumbra a olhar um para o outro – com aflição, com alívio e arquejantes. Eu estava tremendo e pensava que se não abrisse aquela porta para sair, naquele mesmo instante, estaria perdido. Mas sabia que não o poderia fazer, pois era tarde demais; dali a pouco seria tarde demais para fazer outra coisa senão gemer. Ele me puxou para si, pondo-se em meus braços como se entregando o corpo para eu carregar e vagamente puxou-me para baixo, para aquela cama [...].²⁶

Sendo assim, o que se pode perceber na passagem acima é que David, não sabendo como escapar da situação transfere para o quarto e para o espaço ao entorno o seu estado emocional, e o conflito interno que a identidade heterossexual exerce sobre a identidade homossexual, fazendo com que sentisse desorientado, aflito e, atormentado pela ideia de expor sua sexualidade para um desconhecido passa a imaginar meios de fugir do local, ou então, entregar-se totalmente a situação.

Butler conclui que “significativamente, estar *fora* da ordem hegemônica, ou seja, assumir-se homossexual, não significa estar *dentro* de um estado sórdido e desordenado de natureza”, isto é, envergonhar e esconder-se de sua sexualidade frente à sociedade.²⁷

A teoria *queer* implica, portanto, na problematização da identidade sexual. Relacionase, sobretudo, à identificação das relações de poder e constitui-se muito mais como uma questão de composição dos indivíduos dentro da coletividade, implica em diferença, mobilidade, revolução; logo é questionadora, subversiva, irreverente, multicultural, com novas formas de pensar e tratar o conhecimento.

Assim, o autor James Baldwin, já na década de 1950, antecipando as questões de política sexual que viriam mais adiante, coloca a problemática da homossexualidade e da heterossexualidade como forma de levar o leitor a refletir sobre questões da “performatividade” de gênero como ação social, que varia em diferentes espaços e contextos.

Assim, entendemos que a questão *queer* na obra não se refere aos questionamentos ou posicionamentos subversivos dos personagens, como ação política, já que são, de forma geral, vítimas psicológicas de um sistema heteronormativo que os persegue e os prende de

²⁶ Idem, ibidem, p. 93-94.

²⁷ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Op. cit., p. 190.

certa forma. No entanto, o *queer* no romance pode ser lido, nas entrelinhas, como um ato de reflexão por parte de leitores, especificamente os não heterossexuais, a fim de provocar tomadas de atitudes diferentes das dos personagens, pois a narrativa mostra que a repressão e um não posicionamento diante daquilo que você é em termos sexuais não normativos, pode causar uma “morte” figurativa, ou seja, uma morte para a sua verdadeira existência enquanto sujeito de sua própria sexualidade.

Considerações finais

Finalizamos este trabalho apostando para a necessidade e importância da precisão conceitual nos estudos de gênero. Acreditamos que apenas através de construtos teóricos bem definidos podemos almejar ampliar nossa compreensão das relações de gênero e, a partir dela, lançarmos bases intelectuais mais sólidas para enfrentarmos e desconstruirmos a discriminação, o preconceito e as desigualdades de gênero.

Com tais apontamentos depreende-se que a questão da homossexualidade passa pela questão moral, pois conforme afirma Louro:

Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distintivo.²⁸

Ao tratar sobre homossexualidade, podemos notar que David se comporta sutilmente em algumas ocasiões e desprezivelmente em outras, pois, para ele, a heteronormatividade que se faz presente está estabelecida e naturalizada em seu “eu” e, dessa forma, acaba por classificar os sujeitos que não se enquadram nos padrões por ele construídos e idealizados.

As relações que a sociedade faz entre um sujeito homossexual e um sujeito heterossexual não são vistas como naturais, ocorrendo dessa forma, a exclusão, o preconceito e a marginalização. Sendo assim, Louro pontua que:

²⁸ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 30.

Identidades sexuais “alternativas”, mesmo quando excluídas ou negadas, permanecem ativas e necessárias: elas se constituem numa referência para identidade heterossexual; diante delas e em contraposição a elas a identidade hegemonicamente se declara e se sustenta.²⁹

Dessa forma, podemos afirmar que David, procura se apresentar como um indivíduo disciplinado, masculino, hetero, seguindo os preceitos normativos da sociedade norte americana, porém, faz dele um indivíduo que despreza e exclui os que estão fora de sua sexualidade idealizada. Mas, por mais que a sociedade exclua, menospreze e marginalize os indivíduos distintos à sua normatização, ao mesmo passo se fazem necessários, pois, é preciso alguém ser excluído para que os que estão incluídos fiquem em evidência.

A teoria *queer* tenta dar conta nitidamente do excêntrico em termos de gêneros à medida que parte do princípio de que a orientação sexual difere da identidade sexual e da própria sexualidade biológica. A teoria *queer* aprofunda as relações possíveis entre a identidade homossexual e a cultura construída em torno de conceitos como natural e normal, isto é, problematiza e desconstrói os conceitos de identidade, a partir da constituição de um sujeito, definido através de sua etnia, classe social, religião. Em vista disso, a tônica de sua análise reside no fato de congregar toda uma comunidade que se opõe, de diferentes maneiras, à identidade heterossexual dominante na cultura.

Sendo assim, a teoria *queer* tenta mesclar relações políticas e sociais entre as comunidades de identidade homossexual, problematizando essas relações com a finalidade de evidenciar as diferenças e arbitrariedades a que são elas submetidas. Portanto, pensar em *queer* significa questionar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* deve ser, portanto, perversa, subversiva, irreverente, profana e desrespeitosa.

Entende-se, portanto, que para afirmar a masculinidade (heteronormativa) é necessário um “diferente” (masculinidade homossexual) para que ocorra a legitimação do que é tido como “normal” e se compare e crie conceitos duais de “o certo” e “o errado”. Em outras palavras, o sujeito diferente (homossexual) garante a posição identitária masculina ao se estabelecer normas para que ele seja aceito ou não pela sociedade.

²⁹ LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado - pedagogias da sexualidade*. Op. cit., p. 22.

Questiona-se, dessa maneira, o porquê de determinados personagens terem se tornado definidores de identidade e como eles se tornaram excluídos por parte de David. Os sujeitos reiteram a sua identidade, eles se constroem e são construídos, formando um jogo de mão dupla, no qual o sujeito não é apenas a vítima das representações sobre ele, mas também autor delas. Ocorre uma materialização do que é ser homossexual e as representações que se criam em torno da identidade homossexual são vistas de forma negativa. Buscam-se sujeitos que se tornem disciplinados, seguindo às regras impostas pela sociedade.

Portanto, resta a David conseguir sua união amorosa com Giovanni num espaço onírico, num sonho em que não deixa, também, de hesitar e sofrer com a autoperseguição. Para chegar a tais conclusões David teve que passar por profunda e dolorosa experiência interior. Ao perceber tudo isso, tarde já se faz, resta-lhe o espaço utópico à revelia do inóspito, onde poderá viver as recordações do que a sociedade lhe impôs, ou seja, dentro do quarto de Giovanni.